

POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Recebido em 24 de agosto de 2019

Aprovado em 6 de outubro de 2019

Vivendo entre a teoria e a prática

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.31122>

Carlos Alberto Faraco

Tem graduação em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1972), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1978) e doutorado em Linguística - University of Salford (1982). Fez pós-doutorado em Linguística na University of California (1995-96). É Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: carlosfaraco62@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7906-7942>

Como bem sabemos nós que atuamos na universidade, o conhecimento é irresistivelmente sedutor. Estudar, pesquisar, formular hipóteses, mergulhar nas teorias são atividades inesgotáveis e nos dão um inaudito prazer intelectual.

Minha primeira grande paixão ao entrar no mundo da Linguística foi a sintaxe. E ainda, no fundo, continuo sendo um sintaticista. Depois, foi a história da(s) língua(s) que me atraiu. E, com ela, toda a complexa realidade da variação linguística.

Por fim, cisquei ainda na área do discurso e da historiografia das doutrinas linguísticas.

Essa construção contínua de conhecimento é de tal modo sedutora e irresistível que, muitas vezes, somos acusados de viver em torres de marfim, distantes de uma interlocução com a sociedade e desconectados dos problemas reais que a afetam.

Talvez essa acusação não seja de todo injusta. Nem sempre damos a devida atenção às expectativas da sociedade. De qualquer forma, não podemos perder de vista que é da pesquisa teórica que saem, com frequência, soluções para problemas concretos da vida social. Por outro lado, sem um sólido conhecimento teórico, tentar buscar soluções para questões práticas não passa de quimera ou de ilusionismo populista.

Tendo isso como pano de fundo e considerando que nossas atividades são mantidas pelo dinheiro público, quis sempre, durante minha carreira de professor universitário, achar meios para manter uma interlocução com a sociedade e, ao mesmo tempo, quis sempre ter envolvimento com a busca de alternativas para problemas concretos.

Me envolvi, então, desde muito cedo, com o que entendia ser atividades de divulgação científica. Escrevi livros voltados ao ensino médio e de graduação; tive uma participação em programas radiofônicos que tratavam de temas linguísticos e cheguei mesmo a ter um programa semanal sobre a língua, na televisão da Universidade Federal do Paraná. Ainda na televisão, organizei uma série para a TV Escola sobre a língua portuguesa.

Por outro lado, procurei pensar alternativas de ensino de português para trabalhar tanto na formação dos futuros professores (alunos de Letras), quanto na capacitação em serviço de professores das redes municipal de Curitiba e estadual do Paraná.



Durante alguns anos, desenvolvi também, junto com professoras alfabetizadoras da rede municipal de Curitiba, numa escola fundamental da periferia da cidade, um trabalho voluntário de reflexão (subsídios da Linguística para professores alfabetizadores, em especial de fonética, fonologia e sociolinguística) e elaboração de práticas pedagógicas (combinando saberes da Linguística, da Psicologia e da Didática).

Tudo foi maravilhoso? Claro que não. Pelo retorno dos envolvidos em algumas dessas atividades, senti que elas tinham sua importância. No entanto, aprendi também que são muitas as dificuldades tanto na divulgação científica, quanto nas atividades práticas.

Como bem sabemos, os saberes que se produzem na Linguística encontram uma enorme resistência no senso comum. Talvez como em nenhuma outra área da ciência. Os imaginários sobre a língua são muito poderosos e resistem às argumentações racionais, próprias do modo científico de pensar. É enorme o desafio para encontrar a linguagem adequada que, mesmo em meio às resistências de senso comum, possa ir conquistando interlocutores sociais para a beleza do fazer científico e de seus resultados.

Por outro lado, é preciso ter muita sensibilidade na formação inicial e em serviço dos professores, principalmente nesta última, para reconhecer seus saberes e experiências e, eventualmente, transformá-los em ações desenvolvidas sempre em conjunto. Nessas ações, é indispensável superar qualquer perspectiva de mão única.

Apesar das dificuldades, acho que não podemos deixar de fazer as duas coisas: conversar com a sociedade e nos envolvermos nas questões concretas para as quais se demanda práticas alternativas. Há aqui também um inaudito prazer intelectual.